

FUTURISMO: A VANGUARDA DAS VANGUARDAS

Andréia Guerini
Professora Adjunta do Curso de Letras – UFSC

Rafael Zamperetti Copetti
Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Literatura – UFSC/Capes

Claudia Salaris é considerada uma das mais importantes estudiosas do futurismo. Não por acaso, a autora italiana contribui com as comemorações dos 100 anos da publicação do primeiro manifesto do futurismo com a bela edição *Futurismo: L'avanguardia delle avanguardie* [Futurismo: a vanguarda das vanguardas] (Milão/Florença: Giunti, 2009, 239 pp.).

O título do livro Salaris se aproxima muito do nome da mostra curada por Didier Ottinger, intitulada “Futurismo. Avanguardia-Avanguardie” [Futurismo. Vanguarda-Vanguardas]. A exposição foi realizada em Paris, no período de outubro de 2008 a janeiro de 2009; passou por Roma, nas “Scuderie del Quirinale”, de janeiro a maio 2009; e depois foi para Londres, onde esteve até setembro de 2009.

À parte as coincidências, nesse livro a pesquisadora passa em revista os momentos-chave do futurismo. A obra, dividida em oito capítulos, começa com “A invenção do Futuro” e acaba com “A volta ao Futurismo”, como uma espécie de biografia do movimento e de seu idealizador. Essa intenção pode ser percebida, pois, já no primeiro capítulo, Claudia Salaris fala da publicação do primeiro manifesto futurista no *Le Figaro* e suas implicações e, no último, trata da morte de Marinetti, acontecida em 02 de dezembro de 1944, coincidindo com o que ela define como “um dos

momentos mais dramáticos” (p. 214) da história italiana, que foi a segunda guerra mundial e a consequente divisão da nação. A narrativa de Claudia Salaris vem consolidada pelo fato de a autora ser pesquisadora de história e literatura das vanguardas e uma das principais divulgadoras do movimento preconizado por Marinetti.

Ao longo do livro, Claudia Salaris aborda temas recorrentes do movimento e mostra que ainda há muito para ser investigado, como, por exemplo, o real valor dos manifestos. Aliás, a quantidade de estudos que pode derivar do futurismo já tinha sido observada por Giorgio de Marchis, em um livro de 2007, intitulado *Futurismo da ripensare* [Para repensar o futurismo]. Na publicação, o autor afirmava ser preciso repensar o futurismo, em parte devido à extraordinária variedade de material existente e ainda pouco explorado: dos panfletos aos folders, dos manifestos aos comentários e críticas.

Ainda sobre os manifestos, Claudia Salaris diz que Marinetti “inaugura um novo gênero que se afasta dos programas literários do tempo, mas também do caráter doutrinário dos manifestos políticos, configurando-se como *téchne, ars*, ou, como sugere o próprio autor, ‘arte de fazer manifestos’, no qual se realiza a fusão de elementos opostos, teoria e poesia” (pp. 09-12). Guardadas as devidas proporções de tal afirmação, convém lembrar que entre 1909 e 1944 o movimento produziu mais de 300 manifestos, cujas características essenciais, segundo Marinetti, são “a acusação precisa, o insulto bem definido”. À apenas uma parcela desses manifestos, pouco mais de 50, é atribuída algum valor ou interesse artístico-cultural ou literário pelos estudiosos.

Vale lembrar, ainda, que o manifesto enquanto gênero literário e artístico não é uma invenção futurista. A sua história remonta ao romantismo e faz parte da idade moderna. Uma das inovações do futurismo, de acordo com Giovanni Lista, consiste em utilizá-lo como gênero em si, “enquanto instrumento privilegiado do literato e do artista para inscrever na realidade a própria visão de mundo, a própria intuição poética, o próprio sonho ou simplesmente os princípios teóricos para alcançar a criação de uma obra”.

Em diferentes partes do livro, Claudia Salaris mostra, por exemplo, que embora tenha “nascido como escola literária, o futurismo vai muito além e investirá em todos os campos da criação artística, lançando-se para além da estética na política, nos costume e na moral, em uma trama de arte e vida” (p. 09). Observa, ainda, que um dos méritos de Marinetti é ter compreendido que “os meios de comunicação de massa são energia vital também para a cultura” (p. 22). Talvez por isso, o movimento tenha tido imediata

repercussão internacional, pois o primeiro manifesto foi publicado no *Le Figaro*. A publicação, no entanto, não foi inédita. O jornalista Giordano Bruno Guerri, na biografia sobre Marinetti lançada no ano passado, mostra que o manifesto fora publicado em diversos periódicos de diferentes partes da Itália dias antes de ser publicado no famoso jornal francês. Além desses, o manifesto também teria saído no jornal romeno *Democratia*, no dia 16 de fevereiro, portanto, antes da publicação parisiense.

Salaris, contudo, não deixa de mencionar, aparentemente sem preconceitos, a questão do pensamento político futurista, que segundo ela é “caracterizado por um patriotismo modernista, republicano e anticlerical, que olha com atenção as lutas sociais, diferenciado-se da retórica dos nacionalistas por uma alegre irreverência anarquista” (p. 110) e que esteve, em um primeiro momento, muito mais nas graças dos anarquistas do que na dos fascistas. Entretanto, esse assunto já ganhou diversas discussões e é tema, com uma abordagem mais ampla, de dois livros também publicados no ano passado: o primeiro é a biografia já citada acima e intitulada *F. T. Marinetti: invenzioni, avventure e passioni di un rivoluzionario* [F.T. Marinetti: invenções, aventuras e paixões de um revolucionário] (Milão: Mondadori, 2009, p. 334), de Giordano Bruno Guerri; e o segundo é *Futurismo e politica* [Futurismo e política], (Firenze: Le Lettere, 2009, p. 75), de Francesco Perfetti.

Além de mostrar certa “neutralidade”, ou “distanciamento” sobre os temas políticos que envolvem o futurismo italiano, Claudia Salaris procura analisar o que afirma logo no início do livro que embora nascido como escola literária, “o futurismo investirá todos os campos da criação artística, jogando-se para além da estética na política, nos costume e na moral, em uma trama de arte e vida” (p. 9). Assim, entram no seu debate as questões dos mais diversos setores: música, teatro, dança, pintura, escultura, arquitetura, literatura, teatro, cinema, sempre exemplificadas com trechos dos escritos de Marinetti e também de outros nomes ligados/vinculados ao movimento, como Boccioni, Balla, Palazzeschi etc..

Um dos capítulos mais importantes, no sentido de que não apenas faz uma retrospectiva, mas analisa em prospectiva o movimento futurista, parece-nos o intitulado “Futurismo mondiale” [Futurismo mundial]. Nessa parte da obra, a autora discute o legado dos “ismos”, criado pelo Futurismo em diferentes países: futurismo russo, dadaísmo, surrealismo, futurismo português etc., a ponto de ser considerado por Apollinaire, no seu famoso manifesto “*L’antitradition futuriste*”, de 1913, como um

movimento de vanguarda transnacional. Talvez não seja exagerado afirmar que os respingos dos “ismos” podem ser percebidos ainda hoje, como a própria Salaris, timidamente, deduz.

Ricamente ilustrado, encontramos neste livro imagens e fotografias de pinturas, esculturas etc. dos maiores representantes do movimento. Aliás, a grande quantidade de objetos visuais que percorrem todo o livro, evidenciam como o livro/catálogo de Salaris segue uma tendência da crítica de enfatizar que o futurismo teria chegado ao seu ápice nas artes visuais e figurativas, mas não nos escritos literários ou teóricos.

Muitas publicações sobre o tema futurismo tiveram destaque no mercado editorial no ano passado. Entre elas as obras já citadas anteriormente e, ainda, *Futurismo senza futuro. Marinetti ultimo mitografo* [Futurismo sem futuro. Marinetti último mitógrafo] (Firenze: Le Lettere, 2009, p. 235), de Leonardo Tondelli, que analisa mais detidamente a questão do futurismo ficcional. Porém, este livro de Claudia Saris é um dos mais completos por apresentar, mesmo que de maneira sucinta e privilegiando a parte visual, um panorama da complexidade deste que foi um dos principais movimentos de vanguarda do século XX.